

[illegible]

# Prémio Arquitectos Agora 2016

ordem dos arquitectos  
secção regional sul

# Sumário

4  
Prémio Architectos Agora

6  
Depoimentos

10  
Premiados

# Prémio Arquitectos Agora

O Prémio Arquitectos Agora (PAA), instituído pela Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Sul, concluiu, em 2016, a sua 4ª edição. Esta edição do PAA ocorreu em paralelo com a conclusão de um ciclo importante da Ordem dos Arquitectos, uma vez que foi organizada no decurso da implementação da revisão estatutária e regulamentar, concluída em Dezembro de 2015, correspondendo também à última edição do Prémio organizada pelo actual executivo do Conselho Directivo Regional, a cumprir em 2016, o último ano do seu mandato. Para além da distinção proporcionada aos novos membros, está também subjacente a este Prémio a intenção de registar e monitorizar o processo de admissão à Ordem dos Arquitectos. Para além destes objectivos, o PAA enquadra a possibilidade de criação de vínculos intergeracionais que potenciam leituras cruzadas sobre diferentes abordagens em relação à aquisição de experiência profissional e acesso à profissão de arquitecto.

Tal como em edições anteriores, o período de lançamento do PAA foi aproveitado para entrevistar

arquitectos de outras gerações de forma a aferir as diferenças e continuidades do processo de integração profissional. Nesta edição tivemos oportunidade de conversar com Fernando Bagulho, Bartolomeu Costa Cabral e Jorge Figueira. O denominador comum destes três depoimentos, disponíveis em [www.premioarquitectosagora.pt](http://www.premioarquitectosagora.pt), passa pela importância estruturante dos primeiros tempos de contacto com a profissão e pela relevância das memórias que permanecem associadas às figuras e que ajudaram a estruturar os primeiros passos em contexto profissional.

As emocionantes descrições do contacto de Fernando Bagulho com Manuel Tainha, de Bartolomeu Costa Cabral com Teotónio Pereira e Jorge Figueira com Sérgio Fernandez e Alexandre Alves Costa, estão na base de uma consciência transversal que, apesar dos necessários ajustamentos ao tempo e às novas tecnologias, permanece estável em torno das questões fundamentais da arquitectura.

Os desafios contemporâneos colocam contudo outras questões tais como a aceleração do tempo

e a necessária compreensão do exercício da profissão no contexto global.

Os relatos criativos solicitados aos concorrentes do PAA, têm permitido percepcionar justamente os acertos relativos ao tempo presente, colocando em evidência as mutações e nuances que estruturam o entendimento actual da profissão. Neste sentido, os trabalhos recebidos, em representações diversas, entre os registos escritos, gráficos, fotográficos e fílmicos, permitem ampliar a qualidade da missão da Secção Regional Sul naquilo que são as suas competências de proximidade aos membros, contribuindo em paralelo para a consolidação de uma sensibilidade crítica e construtiva face às demandas do tempo presente - missão fundamental da Ordem dos Arquitectos.

Para além de tudo isto, o PAA é uma ferramenta fundamental de superação dos procedimentos de cariz burocrático inerentes à estrita aplicação do Regulamento de Inscrição na Ordem dos Arquitectos e para uma afirmação institucional mais sintonizada com as expectativas dos seus membros. Esta edição do Prémio Arquitectos Agora foi aberta à participação de todos os membros que tenham integrado a Ordem dos Arquitectos a partir de 2010. Fixando-se deste modo o período de cinco anos como base para a aquisição de experiência profissional. Dos trabalhos seleccionados pelo júri sublinha-se, no de Helena Barroco, a importância do trabalho na administração pública; em João Quintela a internacionalização e a sensibilidade dos sistemas construtivos; em José Pedro Cano a fenomenologia da memória e a exploração do acaso; em Luís Ferro a importância da medida e do levantamento na exploração

das camadas de tempo inerentes à cidade; e em Simão Botelho o sentido idealista associado à prática de projecto. Considerando o entusiasmo e a qualidade crescente das respostas a esta iniciativa, é nossa convicção que o PAA deve continuar o seu caminho envolvendo intergeracionalmente os membros da Ordem dos Arquitectos e promovendo bases para uma integração qualificativa dos novos arquitectos na profissão.

Lisboa, 17 de Junho de 2016

Paulo Tormenta Pinto

# Depoimentos

6

Fernando Bagulho  
Bartolomeu Costa Cabral  
Jorge Figueira

Que memória guarda  
do seu período  
de aquisição  
de experiência  
profissional?/  
De que forma essa  
aquisição de  
experiência influencia  
ainda hoje o seu  
trabalho?/ Z  
Como vê a integração  
dos novos arquitectos  
face aos desafios  
actuais da profissão?/  
O que procura  
transmitir aos seus  
colaboradores mais  
jovens sobre a  
profissão?

## Fernando Bagulho

1947 - número de membro 863



## Jorge Figueira

1965 - número de membro 5052



8

## Bartolomeu Costa Cabral

1929 - número de membro 142



9

Todos os vídeos em

[vimeo.com/  
165163288](https://vimeo.com/165163288)

# Premiados

10

Luís Duarte Ferro  
Helena Barros Barroco  
José Pedro Cano  
João Quintela  
Simão Silveira Botelho

O Júri presidido pelo arquitecto Nuno Mateus e constituído pelos vogais Luís Tavares Pereira e Tiago Casanova, reuniu no dia 9 de Junho para avaliação das propostas concorrentes ao Prémio Arquitectos Agora 2016 tendo destacado "a importância do período de formação profissional e de entrada na profissão, pelas experiências diversificadas e pelos ensinamentos recolhidos, determinantes para os caminhos profissionais dos jovens arquitectos". Após análise das doze propostas a concurso, o júri decidiu por unanimidade atribuir cinco prémios escolhidos pela sua qualidade de registo, reflexão e distinção, respectivamente:

1- Helena Barroco - Registo crítico de experiência de deslocação para o interior rural e de integração no serviço público no contexto das responsabilidades de Câmara Municipal, recorrendo à experiência concreta para sinalizar aspectos relevantes do trabalho do arquitecto, começando pela importância (e ambiguidade) da legislação, passando pela memória oral dos mais velhos (face à ausência de cartografia histórica), concluindo pela consciência de que "todas as obras necessitam da totalidade da nossa atenção";

2- João Quintela - Registo vídeo, conciso e pertinente, da experiência de acompanhamento de obra de uma habitação/atelier, revelando a presença e o enquadramento dos momentos chave da obra e, consequentemente, da relação crucial entre desenho e execução;

3- José Pedro Cano - Distinção de momento singular como lição: a partir de uma fotografia fortuita, de um contexto familiar - a casa

da avó - a valorização da contribuição do olhar do outro, capaz de introduzir renovadas leituras, a consciência da imprevisibilidade dos momentos de revelação e a confirmação que o processo de aprendizagem dura toda a vida;

4- Luís Ferro - Reflexão rica e poética/sedutora, numa combinação de escrita e desenho reveladores, focada num aspecto específico da profissão, gerada pela experiência proporcionada pelo estágio, a partir do trabalho de levantamento de um apartamento em Lisboa, conduzindo à exploração do seu potencial arquitectónico, e à relação imprescindível entre medir, observar e desenhar.

5- Simão Botelho - Misto de descrição e reflexão, apesar de eivada de equívocos, incoerência e contradição, introduz apontamentos relevantes relativamente a experiências de organização do atelier, e ao papel e função do arquitecto estagiário, comparando modelos com características próximas mas distintas. De salientar também o esforço de identificação cuidadosa dos projectos em que colaborou e do contributo específico do estagiário.

11

# Luís Duarte Ferro

Luís Ferro (1986) é um arquitecto sediado em Évora, onde exerce actividade profissional desde 2012 (Estúdio Quimera). É aluno do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (PDA/FAUP). Em 2010 obteve o Mestrado Integrado em Arquitectura pela Universidade de Évora. Desde 2012 que trabalha em colaboração com a Direcção Regional de Cultura do Alentejo e a Fundação Eugénio de Almeida na organização de exposições e formações educativas. Foi Assistente Convidado do

Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora entre 2013 e 2015. É investigador do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) desde 2009. Publicou vários artigos e apresentou comunicações em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Finlândia, Marrocos e USA. Em 2013 fundou o grupo Cinema- fora-dos Leões. Actualmente, coordenada o Projecto de Investigação intitulado Lugares Sagrados: as Cubas da Kûra de Beja (Fundação Calouste Gulbenkian, n.139754).





almoçar ecografias desenhadas à fita métrica

*Preciso de medir a casa. Os quartos, um a um: comprimento, largura, pé-direito. Avaliar a superfície entregue à névoa e os seus pontos frágeis (janelas, portas e postigos). Conhecer melhor o brilho da cera delida ou a sombra que se oculta nas galerias de carimcho; e o pó, as manchas de humidade nos tectos, a serradura interior da madeira. Numa tarde assim, tão cheia de água, registar ainda o fino diapasão das goteiras, a pouca transparência lá de fora, cada vez mais turva: como absorve ela o murmúrio dos móveis?*

*A fita métrica deve estar na gaveta superior direita da cómoda holandesa, onde sempre esteve; a chave, vejo-a daqui: chama de níquel vacilando na fechadura do último gavetão. Calcular com rigor o espaço em que posso mexer-me, a distância entre as coisas, o sítio certo das cadeiras. Andar altas horas através da casa: às escuras e sem tropeções.*

Carlos de Oliveira, *Finisterra: Paisagem e Povoamento*, 2003, p.10.

Partindo da noção de "Lugares de Memória" (1989) de Pierre Nora, decidi organizar este relatório pelos lugares e moradas a que a memória do meu estágio profissional está ancorada.

#### Rua da Alfândega

A 29 de Março de 2010 atravessei, pela primeira vez, a porta do atelier bugio. O meu estágio profissional começou com o levantamento arquitectónico de uma casa situada no Castelo de São Jorge, em Lisboa.

#### Largo de Santa Cruz do Castelo

Durante duas semanas o meu local de trabalho foi a casa do Largo de Santa Cruz do Castelo. A convivência com as formas, tempos e significados da casa foi-me iniciando na arquitectura.

Antes de medir comecei a desenhar. No início as formas eram desproporcionadas, ora demasiado estreitas, ora demasiado largas. É um trabalho de paciência e conquista lenta. Medir implica uma cuidadosa observação para descobrir a verdadeira grandeza dos elementos e do todo que os liga. A fita métrica informa a mente. A mão faz o lápis avançar sobre a folha. Juntos constroem o observador.

A organização do espaço não é aleatória, segue regras vinculadas a métricas mentais que, por sua vez, estão ligadas a medidas da carne: pés, antebraços e/ou palmos. Hoje em dia, configuramos o mundo tendo por referência uma fracção ínfima da circunferência da Terra. A análise métrico-constructiva é a chave para a descodificação de informação encriptada no interior das paredes. Só assim poderemos compreender as camadas internas dos complexos organismos edificados. Cada folha do meu caderno era uma ecografia.

Terminado o levantamento arquitectónico, foi-me atribuída a responsabilidade de conduzir a preparação das fases seguintes: estudo prévio, programa base, licenciamento e projecto de execução. Em paralelo, tive a oportunidade de participar noutros projectos e concursos. Em todas as etapas e em todos os projectos a aprendizagem foi intensa e extremamente frutífera. No entanto, a memória da experiência do levantamento arquitectónico da casa do Largo de Santa Cruz do Castelo continuou a crescer e a exercer um enorme fascínio.

No atelier bugio a pausa para almoço era entre as 13h00 e as 15h00. Inicialmente lia em jardins e largos próximos. Devorei, entre tantos outros, a primeira edição de *Sons and Lovers* (1913), de D.H. Lawrence, *Tender is the Night* (1934), de F. Scott Fitzgerald e *L'Œuvre au Noir* (1968), de Marguerite Yourcenar. Todavia, motivado pela crescente vaga de lojas centenárias lisboetas que estavam a ser destruídas, pela oportunidade de aceder a estes estabelecimentos durante a hora de almoço e pela extraordinária erudição construtiva dos mesmos, decidi deixar as leituras e iniciar uma campanha de levantamentos arquitectónicos durante as minhas horas de almoço. Fiz um mapa e peguei na fita métrica.

### Leitaria e manteigaria 'A Minhota'

- ecografia n.º1 -

Do total de lojas desenhadas durante o meu estágio profissional (consultar lista), a Leitaria e Manteigaria 'A Minhota' é o exemplo que melhor ilustra o sentimento de descoberta descrito em 'Finisterra' (Oliveira, 2003).

Do ponto de vista arquitectónico o aspecto mais interessante da leitaria é a forte atmosfera, cuja artesanidade é o requisito para que seja estudada (Zumthor, 2006). A alternância do lioz branco com o rosa do pavimento e do mobiliário, o fresco vivo do tecto e os produtos comercializados nos expositores dotam o espaço de uma enorme riqueza matérica. O investimento material e a exemplar execução construtiva do pavimento, tectos, vãos e mobiliário, permitem-nos deduzir que, outrora, este foi um estabelecimento de referência na cidade de Lisboa. Hoje em dia, os seus materiais perderam o lustre. Estão gastos. Entre as matérias mais antigas surgem alumínio, plásticos e metais baratos, cruzando o nobre com o vulgar e o antigo com o novo.

Neste estabelecimento tudo se decide a uma micro escala. O mais interessante é o modo como uma vasta quantidade de materiais, desenhos/padrões e cores são integradas num todo mais vasto. Ao conviver com 'A Minhota', passei a acreditar que a verdadeira essência da sua arquitectura comercial portuguesa reside no vazio das juntas construtivas. São sombras caleidoscópicas: quanto mais nos aproximamos, maior é a amplitude dessa visão. Assim, a medida das juntas, dos detalhes e encaixes do lioz e de todas as peças passou a ser o centro da minha atenção/folha. Ao medir as micro escalas, fui mentalmente transportado para o *Sir John Soane's Museum*, em Londres.

### Sacristia da Igreja do Menino Deus

- ecografia n.º2 -

Com a intenção de reabilitar a sacristia da Igreja do Menino Deus, a organização cultural 'Largo Alto' encomendou-me o levantamento arquitectónico. Após o desenho pormenorizado de várias lojas centenárias, a escala e a complexidade espacial da sacristia ofereciam um enorme desafio e novidade. Durante uma semana medi e desenhei todas as cantarias, marcenarias, juntas, fissuras e vãos da sacristia. Tudo ao pormenor.

Por oposição às pequenas lojas cujos interiores ricamente decorados são da autoria de oficinas especializadas, o espaço da sacristia está integrado no conjunto edificado do Convento da Ordem Terceira da Penitência. É dominado por um forte sentido de ordem, perfeição, erudição e harmonia latente no desenho arquitectónico e construtivo. Foi um trabalho do arquitecto régio João Antunes e pertence ao círculo das grandes obras do reinado de D. João V. O aspecto mais interessante é justamente o harmonioso acordo entre as várias escalas do espaço. A lógica compositiva e geométrica do plano é a mesma que determinou as proporções e o desenho do zimbório da cúpula, das cantarias, carpintarias, da discreta ornamentação, da orientação da estereotomia e do pavimento de baldosas cerâmicas. Já Mies estava farto de saber que Deus está nos detalhes (Whitman, 1969).

### Lista de estabelecimentos desenhados entre 2010 e 2011

Leitaria e Manteigaria 'A Minhota', Rua de São José 138  
Alfaiate Hermes Monteiro, Rua Passos Manuel 126-B  
Mecânico Salles Torres, Travessa dos Mestros, 1-10  
Drogaria Samora, Rua de São José, 112  
Farmácia, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A  
Casa de pasto 'Estrela da Sé', Largo de Santo António da Sé, 3-4  
Barbearia Salão Carmo, Calçada do Carmo 5  
Havaneza de S. Domingos, Rua de Barros Queirós, 15 e 17  
Ginginha 'Eduardino', Rua das Portas de Santo Antão, 7  
Sacristia da Igreja do Menino Deus, Largo do Menino Deus

### Referências (norma portuguesa NP405)

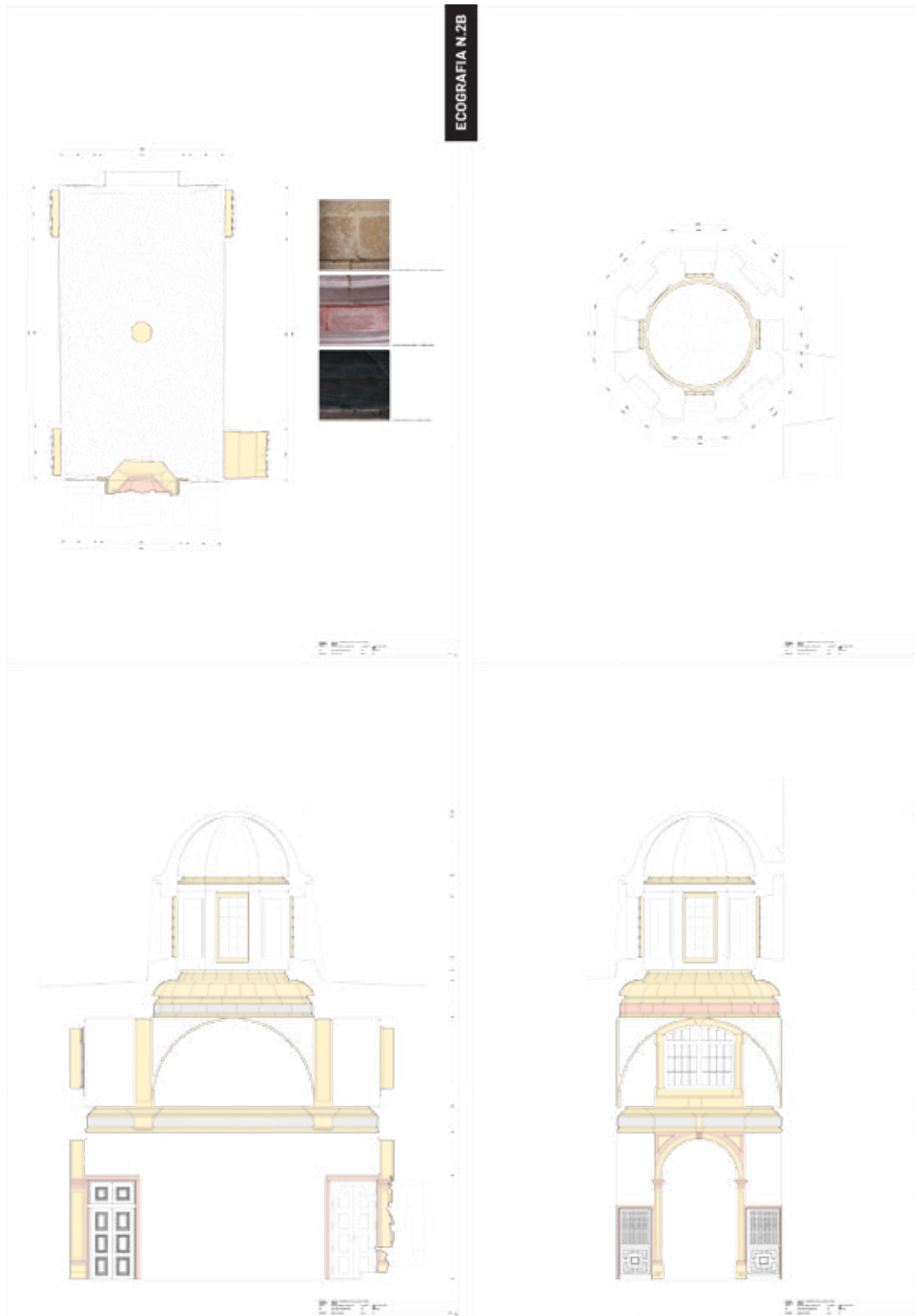
- BATAILLE, Georges – **O Nascimento da Arte**. 1ª ed. Lisboa: Sistema Solar, 2015. ISBN 9789899930735
- FITZGERALD, F. Scott – **Tender is the Night**. 1ª ed. New York City: Charles Scribner's Sons, 1934. ISBN 9780521402323
- LAWRENCE, D. H. – **Sons and Lovers**. 1ª ed. London: Gerald Duckworth and Company Ltd., 1913. ISBN 9780375753732
- NORA, Pierre – Entre Mémoire et Histoire. La problématique des lieux. **Les Lieux de Mémoire**. ISBN 9782070749027. Vol. 1 e 3 (1984), pp. 17-42.
- OLIVEIRA, Carlos de – **Finisterra: Paisagem e Povoamento**. 4ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003. ISBN 9723707993
- TESHIGAHARA, Hiroshi – **Tanin no kao** [registo vídeo]. Tóquio: Teshigahara Productions, 1966. 1 DVD vídeo (124 min.) 35 mm.
- WHITMAN, Alden – Obituary. Mies van der Rohe Dies at 83; Leader of Modern Architecture. **The New York Times**. [Consult. 19 Agosto 1969]. Disponível em: <URL: <http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0327.html>>.
- YOURCENAR, Marguerite – **L'Oeuvre au Noir**. 1ª ed. Paris: Éditions Gallimard, 1968. ISBN 9782070367986
- ZUMTHOR, Peter – **Atmosferas. Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam**. 1ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.L., 2006. ISBN 9788425221699

### Legendas dos desenhos

Ecografia n.1 – *Quatro esboços métrico-construtivos da Leitaria e Manteigaria 'A Minhota'*.  
Ecografia n.2A – *Quatro esboços métrico-construtivos da sacristia do Menino Deus*.  
Ecografia n.2B – *Levantamento arquitectónico da sacristia do Menino Deus (planos e secções)*.



# Helena Barros Barroco



Nasce em Lisboa, em 1985. Durante o período de Mestrado Integrado em Arquitectura pelo Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa, ingressa no programa ERASMUS e frequenta a Faculdade de Arquitectura de Ljubljana, onde é avaliada com pontuação máxima no design de uma cadeira baseada na pintura de Lojze Spacal. Antes da finalização do curso realiza um estágio no atelier Aerolab, em Changzhou, na China, onde colabora em diversas áreas. A dissertação intitulada Os Museus Desenhados por Alcino Soutinho: Pensamento, Obra e Evolução é realizada sob orientação

de Bárbara Coutinho, actual directora do MUDE, e conta com entrevista ao próprio arquitecto. Em 2011, no Brasil, efectua projecto para a Polícia Federal de Bauru através da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Após elaboração de um estudo urbano de Lisboa sobre o eixo de São Sebastião - Rossio, orientada pelo Arq. Filipe Lopes, inicia a pós-graduação em Projecto de Conservação e Reabilitação Arquitectónica na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, no ano seguinte. Torna-se arquitecta estagiária na Câmara Municipal de Celorico da Beira em 2015.





## SER ARQUITECTO NO INTERIOR

*Andamos sempre à procura de novas maneiras de nos descobrirmos. Esta experiência, no coração da Beira Alta serviu também para me (re)descobrir. As minhas raízes, o meu país e o que pode ser a vida do arquitecto longe das grandes metrópoles*

Helena Barros Barroco  
Membro da OA 21483



Castelo de Linhares da Beira | Centro Histórico, Celorico da Beira | Rua em Linhares da Beira

## Contextualização

Acredito que em todos nós, numa altura ou noutra da vida, deparamo-nos com dificuldades com que não contávamos. Eu sabia - quem não sabe - que encontrar trabalho em Arquitectura, em Portugal, não era fácil. Mas não sabia que seria tão difícil e, frequentemente, ouvi a pergunta "porque não emigras?"

Já tinha estagiado no estrangeiro, e a determinada altura, a minha única certeza, talvez por teimosia, era querer cá ficar, em Portugal. Quando surgiu o PEPAL, concorri a todos os lugares que pude. Entre eles Celorico da Beira. Nunca lá tinha estado, apenas de passagem, mas tinha um trunfo: a terra natal do meu pai era a poucos quilómetros desse lugar. No fundo a Beira Alta era-me familiar,

Estava longe de algum dia adivinhar que seria a aldeia do meu pai a minha futura casa. Mas aconteceu. Consegui trabalho como arquitecta estagiária da Câmara Municipal de Celorico da Beira.

E assim começou uma nova aventura, com extremo nervosismo. A felicidade, essa, alcancei-a pouco tempo depois da adaptação. Substitui o metro pelo carro, o trânsito caótico pelo "congestionamento" provocado por algum rebanho de ovelhas ou cabras nas ruas mais estreitas das povoações que atravessava a caminho da aldeia. O barulho geral da capital dava lugar ao silêncio apaziguador da noite ou ao canto dos passáros durante o dia; aqui a água tem outro sabor e o ar da serra convida a respirar profundamente.

## O estágio

O meu orientador, o Arq. Ivo Borrego, guiou-me pelo edifício técnico da Câmara. Apresentou-me não só o pessoal directamente relacionado com a minha profissão, como os topógrafos, os engenheiros, os orçamentistas, os desenhistas, mas também os técnicos de outras secções (das águas, informática, florestas,...) e desde logo vi que era uma grande mais valia iniciar a minha vida profissional num município com as dimensões de Celorico da Beira, concelho com património histórico notável.

*Adoro a oportunidade de ver todo este processo, acompanhar a obra, fiscalizar, ver todo o tipo de gente que aparece no*



*gabinete de arquitectura, conhecê-los e conhecer o processo de uma ponta à outra. Falar e interagir com tantos outros profissionais (eng. civis, topógrafos, chefes de obras, biólogos, desenhadores (...)). Nunca pensei ser tão feliz no meio de tanta tarefa. Quero aprender, dar o meu melhor, provar que mereço estar onde estou! Quero aprender ao máximo mas mostrar que também sei. E que melhor lugar para o fazer senão com gente simpática que te oferece vinhos, ginja, sangria, entrecosto e queijo? Verdade, não podia ser melhor!*

Nunca pensei que o trabalho de um arquitecto na Câmara pudesse ser tão diversificado; sempre me lembro de ouvir dizer que ninguém queria ser arquitecto de uma Câmara. A ideia de apreciar obras particulares, ficar rodeado de dossiers cheios de decretos lei, portarias e regulamentos não é de facto agradável aos olhos de quem sonhou criar. Mas é um processo que faz parte de qualquer obra, e estando do lado de cá, é mais fácil perceber o porquê das coisas acontecerem, o porquê de algumas obras serem aprovadas, mesmo aos olhos desaprovadores dos arquitectos, inclusive dos arquitectos municipais. Esta talvez seja a parte ingrata do trabalho do arquitecto municipal, porque tem apenas a Lei como referencial e, só neste período, me apercebi do quão ambígua ela é...

Nem sempre é fácil e por vezes é até desmotivador. Palavras tão comuns para o arquitecto como "reabilitação", "preservação", "entidade histórica", não são comuns para todos, nem para os donos da obra, nem para os técnicos que as representam, quando lhes falta alguma formação adequada nesse sentido. E quando o processo não está bem encaminhado, o diálogo é sem dúvida a melhor arma. Para todos saírem a ganhar, evitando-se confrontos ou obras paradas mas sem prescindir de defender o interesse público, protegendo o património e a natureza.

Mas o trabalho do arquitecto municipal não passa apenas por trabalho de gabinete. E num gabinete com apenas duas pessoas há ainda mais possibilidades. Parte do trabalho das obras particulares, também tem uma outra vertente, a fiscalização. Hoje em dia, o arquitecto é chamado a fiscalizar obras de teor turístico, de modo não só a certificar que a legislação é cumprida, mas também de modo a actualizar o inventário do património turístico de Portugal, fazendo parte



Calçada em granito, Carrapichana | D. Adelaide, Carrapichana | Roupa estendida no Lar de São Miguel, Prados

desse leque as pensões, albergarias, casas rurais, etc. Não posso deixar de referir que em todas estas idas ao terreno, a Câmara Municipal de Celorico tem na sua posse uma Renault 4, uma relíquia equiparável a um jipe, com que todos os técnicos trabalham e que raramente nos deixa ficar mal.

Além das perspectivas já referidas, existe de facto a possibilidade de fazer projecto, tanto a nível urbano como arquitectónico, nas chamadas obras municipais ou na secção do urbanismo. O meu estágio debroçou-se especialmente nas obras municipais, a meu ver, a parte mais empolgante do trabalho. Tive oportunidade de elaborar vários projectos. No mundo académico, a base do dinheiro nunca é questão, e se há coisa que aflige qualquer obra municipal, pelo menos no interior, é o seu preço. Pode-se dar asas à imaginação mas é preciso manter os pés minimamente assentes na terra. Isto eu aprendi. É o que pode ser uma restrição, também se pode revelar uma oportunidade de fazer melhor. Tentar usar os materiais disponíveis ou mais acessíveis ao município é um dos exemplos disso.

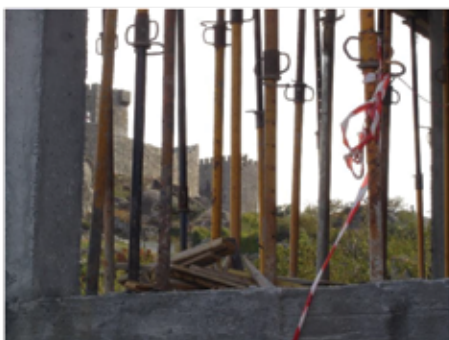
Projectar espaços públicos é um desafio, um desafio interessante. A requalificação do Largo da Amoreira, na Carrapichana, uma pequena aldeia do município, foi um exemplo disso. Dei por mim a dialogar com uma senhora de quase 90 anos, a D. Adelaide, que se recordava exactamente do que ali existia e das vivências que daquele lugar surgiram. Não existia muita documentação, portanto ela tornou-se um elemento fundamental para o meu estudo. Ouvi conselhos dos moradores, dos comerciantes, e claro, do meu orientador e amigo, o Arq. Ivo. Ao longo do processo ouvem-se críticas, questiona-se a prioridade da obra. O projecto foi concluído mas ainda não chegou a ser realizado. Contudo espera-se o seu arranque em breve.

O Lar de Prados foi o primeiro projecto colocado nas minhas mãos enquanto arquitecta municipal. Tratava-se de uma ampliação e adaptação de um Centro de Dia, e tive a sorte da técnica responsável, a Dr. Ana Veiga, com quem mantive o máximo de contacto ao longo do decorrer do projecto, ser uma pessoa extremamente disponível e amável. Esta obra teve outro tipo de implicações. A adaptação passava por uma série de exigências que eram revistas e avaliadas pela técnica da Segurança Social. Um trabalho aparentemente simples, mas que deu "muitas voltas" e serviu para aprender muito. E quando finalmente consegui a aprovação da Segurança Social, um outro desafio me foi colocado: a Segurança Contra Incêndios. É certo que, em última instância, este problema seria resolvido na intervenção do engenheiro, mas não querendo supresas,



Solar do Queijo, Celorico da Beira | Porta de uma habitação, Carrapichana | Renault 4, Açores





procedi às alterações necessárias, e finalmente vi o projecto resolvido.

Entretanto, o Arq. Ivo foi-me acompanhando, e depois deu-me espaço para voar sozinha; e se ao princípio o arquitecto estagiário sente-se desamparado, também sente que de alguma maneira está na direcção correcta, pois a liberdade é sinal de responsabilidade.

Ainda assim muitos dias chegava ao trabalho com uma lista de questões a colocar-lhe. Acho que é impossível não perder o sono com projectos, sejam receios, ideias ou simples questões. A interação com o orientador, arquitecto experiente e que fundou esta carreira no município, foi claramente fundamental para toda a minha aprendizagem.

Destaco ainda o projecto das Instalações Sanitárias das Casas do Rio. Um programa simples de área reduzida. Mas assim que começou a ser erguida, a obra foi logo deitada a baixo. Conflitos, quer de interesses com privados quer com o público; voltou-se à carga. Erros também no projecto uma vez que a janela para propriedade privada não estava à altura exigida; a janela acabou por ser eliminada - aprende-se realmente com os erros. Mas logo surge outro problema: o muro criado com o objectivo de prolongar a fachada da construção pré-existente que lhe era anexa revelou-se alvo de críticas por deixar criar um eventual recanto propício a outros usos; acabou por ser rebaixado. Outras questões foram levantadas: a disposição das loiças, o tipo de janela a colocar, e até mesmo a eficácia de uma porta de correr. Por fim a obra foi concluída mas não de acordo com o que tinha sido decidido em projecto de arquitectura. Penso que a falta de diálogo entre todos os interessados foi o maior problema neste caso; faltou um diálogo contínuo que teria levado a um consenso apesar das diferenças de opinião. Este projecto foi difícil e chorei muito durante este processo; mas aprendi. Aprendi que todas as obras, por mais pequenas e simples que sejam necessitam da totalidade da nossa atenção. Aprendi que ser arquitecto exige o máximo de atenção e flexibilidade não só com o nosso trabalho, mas ter capacidade para conseguir consensos com todas as pessoas que o envolvem, mesmo numa obra de três metros quadrados. Especialmente sendo um arquitecto em representação de uma entidade pública.

Para mim, este estágio também serviu para relembrar o quão vasto é o trabalho de um arquitecto. Este pode ir desde pequenas instalações sanitárias a desenhos de pavimentos de jardins infantis ou de mobiliário urbano. Durante o estágio tive oportunidade de assistir à colocação do circuito de manutenção do parque Carlos Amaral. Recorreu-se aos conselhos de professores de educação física, treinadores profissionais e atletas em geral para ajudar à decisão final.



Programar a colocação de um conjunto de equipamentos em harmonia com um jardim de modo a salvaguardar a segurança dos utentes e garantir a sua melhor eficácia em termos de uso pode não ser tão fácil como aparenta.

A possibilidade das interações mais variadas é para mim uma mais valia nesta nossa profissão, uma das características que a torna tão rica. Além desta, muitas outras obras foram surgindo ao longo do ano, como a elaboração de marcos celebrativos de acontecimentos, destacando a escultura da biblioteca municipal, que contou com a mão do artista Carlos de Oliveira Correia, ou mesmo determinar o local mais apropriado para a colocação dos pontos de reciclagem do lixo. Acompanhei a obra do canil municipal que resultou da adaptação de uma antiga ETAR, e desenvolvi o projecto base para os Armazéns e Oficinas Municipais. Surgiu ainda a oportunidade de intervir junto a uma pequena capela em Açores, freguesia do concelho, um projecto de intervenção a nível de arranjos urbanos, quase imperceptíveis, mas que me deram uma enorme satisfação. Para concluir retira-se que o Arq. Ivo desenhou os elementos decorativos das chavenas vendidas nos postos de turismo do concelho e eu tive a oportunidade de elaborar diversos desenhos para as placas explicativas de monumentos espalhados pelo território municipal.

## Breve apontamento conclusivo

Ser arquitecto no interior, é para mim a verdadeira tradução desta vida profissional. Apesar de todas as dificuldades encontradas é a grande possibilidade de intervir para todos e com todos, criando melhor qualidade de vida e preservando o meio-ambiente. Em termos pessoais, é uma experiência única e a oportunidade de participar em todo o tipo de obra ou evento, desde obras de referência a outras, não tão evidentemente importantes mas com uma importância quase poética. Além disso, na execução de todas as obras, em especial nas de iniciativa municipal, reforcei a noção da importância das capacidades de liderança que o arquitecto deve possuir para conseguir mobilizar todos os intervenientes: técnicos das outras especialidades, encarregados, pedreiros, serventes, motoristas, funcionários do aprovisionamento e mesmo dos armazéns municipais. No meu caso, passei um pouco por tudo, até o cinema fez parte desta minha experiência. Agradeço esta oportunidade, espero poder continuar este desafio; para mim, é este o papel do arquitecto, fazer parte de tudo, e tudo fazer parte do nosso ser.

Lar da Misericórdia, Unhães da Beira | Instalações Sanitárias, Casas do Rio  
| Circuito de manutenção, Parque Carlos Amaral, Celorico da Beira

Biblioteca Municipal, Celorico da Beira | Soldagem da escultura da Biblioteca Municipal, Celorico da Beira | Início de obra do Canil Municipal, Celorico da Beira





Molhos de água, Rapa | Biblioteca Municipal, Celorico da Beira | Casa,  
Linhares da Beira



Largo da igreja, Lageosa | Estrutura de apoio ao festival Danças na Água,  
Ratoeira | Chávenas de promoção do turismo do município

Helena Barros Barroco, membro GA 21483  
Candidatura ao Prémio Arquitectos Agora 2016  
Maio 2016

# José Pedro Cano

José Pedro Cano (Serpa, Portugal, 1986) licencia-se em Arquitectura pela Universidade de Évora em 2010, com o trabalho "Residência de Estudantes no Complexo das Artes da Universidade de Évora", orientado pelo Arq. João Luís Carrilho da Graça e seleccionado para representar a mesma Universidade no Prémio Secil Universidades 2010. Estuda um ano em Itália, através do Programa Erasmus. A sua actividade está ligada à prática da arquitectura tendo, ainda durante os estudos, colaborando com o Atelier Bugio no projecto "Acessos à Colina do Castelo, Lisboa" que integra a representação Portuguesa na Biennale de Arquitectura de Veneza 2012.

Desde 2011 que integra a equipa do atelier Bak Gordon Arquitectos, onde tem desenvolvido o seu trabalho, colaborando em projectos como o FACIM Maputo Waterfront (Moçambique, 2011), Casa na Costa do Castelo (Portugal, 2013), o concurso para o Conservatório de Música de Sintra (Portugal, 2013) e a Escola Secundária de Romanshorn, (Suiça, 2015) ou coordenando projectos como a Casa na Quinta do Lago 29 (Loulé, 2015) ou a Reabilitação de um Edifício na Rua da Emenda (Lisboa, 2016). Em 2016, integra o Comité Nacional Português de Seleção de Obras para a X Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo.



## Um segundo olhar

Em Arquitectura o processo de aprendizagem é particularmente longo, uma lição que dura toda a vida. Assim, são muitas as circunstâncias e contextos que nos levam a aprender algo novo ou ganhar uma nova perspectiva sobre algo que já sabíamos. Foi o que aconteceu com esta fotografia.

A imagem mostra um espaço que me é muito próximo e conheço profundamente, desde criança: a cozinha da minha avó, em Serpa. Eu achava que conhecia realmente este espaço: visitei-o todos os fins-de-semana desde que tenho consciência, passei lá grande parte dos momentos de família mais importantes da minha vida como os natais, páscoas e encontros familiares. Contudo, depois de tirar esta fotografia e a mostrar ao Arq. Ricardo Bak Gordon, ganhei um novo ponto de vista sobre aquela cozinha que me é tão cara.

Enquanto fazia o meu estágio à Ordem dos Arquitectos na Bak Gordon Arquitectos, em Fevereiro de 2012, fiquei encarregue de ir fotografar o local de um projecto do atelier em Serpa, o Largo 5 de Outubro, a propósito da revista 2G que estávamos a preparar.

Sendo eu de Serpa, num fim de semana como outro qualquer, levei a nova *Leica* do atelier a conhecer as paisagens alentejanas. Depois de fotografar o largo, regresso a casa e, ao entrar na cozinha ainda de máquina fotográfica ao pescoço, reparei na luz que entrava pela janela da porta do quintal e decidi disparar. Não porque aquela cena fosse nova para mim, mas a verdade é que nunca tinha registado convenientemente.

De volta a Lisboa, mostrei no atelier o levantamento fotográfico do Largo 5 de Outubro que tinha feito no fim de semana, e depois, a título de curiosidade, mostrei também a fotografia da cozinha da minha avó. Foi então que vários colegas se juntaram em redor daquela imagem que descreviam com genuíno entusiasmo. A determinado momento alguém chama o próprio Ricardo Bak Gordon para também ele ver aquele "bocado de passado" ou "uma arquitectura que felizmente ainda existe", como alguns adjectivaram. O Ricardo descreveu-a como "um texto inteiro".

De facto, depois de todos falarmos sobre a imagem, apercebi-me que naquela fotografia está capturado um ambiente que pode ilustrar todo um discurso sobre alguns dos valores fundamentais da arquitectura: luz, cor, proporção, matéria, textura e, mais importante que tudo isto, a intemporalidade. Na minha ingenuidade própria da inexperiência, ainda disse que naquela imagem só era "pena a presença do esquentador, do microondas e da máquina de lavar-roupa", mas foi aí que fui interrompido pelo Ricardo que me disse "Não, não! Isso é que torna a imagem tão boa!".

Na verdade, eu ainda mostrava aquele sítio a partir de uma perspectiva "cliché" de postal turístico, "a casinha pitoresca da minha avó", mas na realidade a riqueza da imagem residia exactamente na capacidade deste "ambiente típico popular", quase centenário, ser capaz de conviver com todas as intrusões próprias das comodidades da vida moderna urbana como o esquentador e electrodomésticos vários. E é aqui que entra a lição de arquitectura.

Este sítio tem um conjunto de características arquitectónicas, aparentemente arbitrarias na sua concepção ou conjugação, que lhe conferem uma atmosfera com tal identidade e carácter que a presença dos ditos electrodomésticos não representam qualquer problema. Aquela cozinha com 100 anos "aguenta tudo", é intemporal. E esta é uma noção que fascina a maior parte dos arquitectos hoje em dia: de que a sua obra, de alguma forma, consiga resistir a uma colagem a um determinado período cronológico ou vocabulário estilístico.

A arquitectura dispõe de ferramentas que, se usadas correctamente, permitem revelar valores universais, da própria arquitectura e da vida do Homem. Quando se atinge o patamar em que estes valores já nos são óbvios na vivência de determinado espaço, então esse espaço torna-se intemporal, porque deixa de nos falar de arquitectura e fala-nos de nós e da nossa relação com o mundo.

De tal modo esta imagem é um exemplo disto mesmo, que já correu o mundo como abertura de conferências da Bak Gordon e está pendurada na parede da cozinha do próprio Ricardo, em Lisboa.

Serve todo este relato para ilustrar a riqueza e imprevisibilidade do processo de aprendizagem, particularmente em Arquitectura, e que todo o conhecimento, por mais estabelecido que possa parecer, está sempre sujeito a ser contrariado, confirmado ou enriquecido, basta que lido a partir de um segundo olhar.

José Pedro Cano  
Maio 2016



# João Quintela

32

João Quintela, Lisboa, Portugal  
Concluiu o Mestrado Integrado na Universidade Autónoma de Lisboa em 2010, tendo realizado um ano curricular no Politécnico de Milão. Entre 2010 e 2011 colaborou no atelier chileno Pezo von Ellrichshausen enquanto bolseiro do programa Inovart. Desenvolveu diversos projectos em co-autoria com a artista plástica Vera Martins tais como a publicação Animata15, apresentada e distribuída na Pinacoteca de Concepción (Chile), diversos projectos de cenografia e também a exposição Sustracción na Fábrica Feauters Lisboa.

Tem realizado diversos projectos com Tim Simon (Atelier JQTS) nomeadamente o Pavilhão KAIROS, do qual é responsável pela coordenação e programação, o projecto VERTIGO em Lisboa, ou o Pavilhão POVERA em Almada. Frequenta o programa de doutoramento da ESTAM (Madrid) onde é professor assistente na Unidade Docente Campo Baeza. É também editor da edição de artes visuais chilena ANIMATA PAPEL, juntamente com o artista plástico Oscar Concha.

Vídeo: [www.vimeo.com/171744673](http://www.vimeo.com/171744673)

## CASA ARCO

PEZO VON ELLRICHSHAUSEN

JOÃO QUINTELA

MAIO 2016 - JUNHO 2016



No dia 27 de Fevereiro de 2010 a cidade de Concepción foi atingida por um sismo de magnitude 8.8 na escala de Richter, um dos maiores de que há registo. O terremoto, com epicentro em Concepción, foi sentido em cidades como Buenos Aires ou São Paulo e ocorreu pelas 3h34 da madrugada, com uma duração aproximada de 2'45 minutos. Na sequência deste incidente os artistas plásticos chilenos Claudio Riquelme e Bárbara Bravo viram a sua casa inelegantemente destruída.

O estúdio de arquitectura Pezo von Ellrichshausen tornou a iniciativa de apoiar o casal disponibilizando os seus serviços para realizar o projecto de uma casa num terreno de acentuada topografia que aqueles artistas plásticos possuíam. As premissas eram claras desde o primeiro momento: encontrar um processo construtivo que reduzisse o tempo de execução devido à urgência da situação, garantir uma estrutura resistente em termos de comportamento sísmico, e assegurar um controlo apertado do ponto de vista económico.

Devido ao impacto produzido pelo terremoto a realidade do mercado e do mundo da construção alterou-se de maneira drástica, razão pela qual o custo e o tempo inicialmente previsto teriam sofrido ligeiras alterações e adaptações no próprio projecto de uma maneira consciente e premeditada pelos os arquitectos em conjunto com os clientes, que desde 2012 vivem e trabalham nesta casa.

O projecto foi concebido de tal modo que o embasamento de betão é o elemento mais resistente e o único que recorreu a um processo de construção 'molhado'. Aqui funciona o atelier de trabalho dos artistas, que pretendiam um espaço bastante escuro e intimamente relacionado com a sua produção artística. Os restantes pisos atingem-se através de uma estrutura metálica produzida em fábrica durante a execução do embasamento para assim reduzir o tempo total da obra e garantir uma rápida montagem. Nestes três pisos desenvolvem-se as restantes funções convencionais de uma casa através de seis espaços de igual tamanho e proporção.

Durante o estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos, realizado no estúdio Pezo von Ellrichshausen através de uma bolsa do programa Inovart promovido pela BGArtes, foi possível acompanhar bem de perto o processo da Casa Arco, desde a concepção, às maquetas de estudo e produção das desenhos técnicos para aprovação do projecto, até à própria execução, acompanhamento e conclusão da obra, cujo terreno se encontrava a escassos 180 metros do local de trabalho pelo qual o acompanhamento era feito diariamente e sem excepções. Durante o processo de construção os arquitectos Mauricio Pezo e Sara von Ellrichshausen estiveram ausentes de Concepción devido ao convite para leccionar na University of Texas, o que obrigou a uma maior responsabilidade a nível pessoal durante o processo construtivo de modo a garantir uma eficaz execução da obra dentro da realidade chilena, inquestionavelmente distinta daquela que conhecemos em Portugal. O conceito de 'obra aberta' aplica-se aqui em duplo sentido, tanto numa lógica projectual, cujo impacto no resultado final é evidente, como numa leitura transversal, mais distanciada que se aproxima da formação proposta por Umberto Eco, onde as relações e as camadas de significado vão sendo descodificadas e reinterpretadas com o passar do tempo.

O vídeo encontra-se estruturado em quatro partes fundamentais: 1. embasamento de betão armado; 2. estrutura de aço; 3. acabamentos; 4. casa habitável e relata uma experiência onde o conhecimento e experiências apreendidas são evidentes quando se trata de entender a importância de um estágio profissional num momento chave da formação, posterior à vida académica e antecessor da vida profissional. Trata-se de uma síntese de 5 minutos extraída de uma versão alargada com cerca de 50 minutos onde todo o processo é descrito com maior detalhe e complementado com entrevistas aos intervenientes directos no processo.

João Quintela



# Simão Silveira Botelho

34

Simão Silveira Botelho nasceu em Lisboa no ano 1987. Frequentou a Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, onde se graduou como Mestre em 2010 após um intercâmbio em Buenos Aires (FADU-UBA). A sua tese de Mestrado debruçou-se sobre o tema “Espaços de Transição - Preservação da Privacidade e Estimulo do Contacto Social”. O projecto final de mestrado valeu-lhe o Prémio Secil Universidades 2010. Em 2013, obteve uma menção honrosa no concurso “Crisis Buster”, promovido pela Trienal de

Arquitectura de Lisboa. Estagiou e trabalhou no atelier do Arqº João Luís Carrilho da Graça de 2011 a 2013, ano em que iniciou colaboração no atelier Site Specific, onde se mantém até à data. Colaborou ainda em três edições do evento Open House enquanto coordenador de zona (2013-2015). Foi convidado em duas ocasiões para expor a sua pesquisa profissional: conversa “Aproximar o Cidadão da Arquitectura” (Trienal de Arquitectura, 2013) e aula a alunos finalistas do Curso de Arquitectura (ISCTE, 2015).

## Depoimentos Socialistas

### Prelúdio

*O que interessa a forma de um edifício se o programa ao qual responde não for socialmente útil?*

Centremo-nos no fundamental, que não é a grande Arquitectura, não é o fantástico Arquitecto Deus na Terra, nem tão pouco a reconhecidíssima revista que o faz cintilar como a mais incrível estrela da via láctea. A verdade é simples, banalmente prosaica: aquilo que nos interessa a todos relativamente aos nossos edifícios, que ultrapassa o ego do autor e a vaidade da sociedade de olhos esbugalhados para o espectáculo da forma, não será mais do que a vida dos seus habitantes.

Falemos menos de forma, de resolução do programa que é dado aos arquitectos como base adquirida: pensemos, sim, em reformular o programa para que se encaixe tão bem quanto possível na sociedade que serve. E isso não deverá ser feito só pelos arquitectos, mas sim através de outros profissionais e pensadores com um conhecimento profundo da sociedade. Juntemo-nos aos Sociólogos, Antropólogos, Economistas! Deixemos de nos fechar num universo umbilical de pensamento ruminante e circular, e abramos as portas ao conhecimento que existe já na sociedade!

Um primeiro passo poderia ser dado nas Faculdades: existir uma real comunicação entre unidades curriculares, uma forte integração das ciências sociais e económicas na disciplina de projecto e deste com as restantes disciplinas teóricas. E porque não estabelecer mais laços profícuos entre Faculdades de diferentes campos do saber?

Um segundo passo poderia passar pela prática profissional: os ateliers deveriam incluir mais frequentemente consultores de áreas diversas que fornecessem os estudos necessários para garantir que o projecto está atento às necessidades da comunidade específica a que se destina e, amplo espectro, do contexto histórico-social que o vê nascer.

Deixemos o nosso maravilhamento perante a forma de parte e foquemo-nos no essencial: resolver o espaço do forma a minorar os conflitos, diminuir a solidão, combater a pobreza, fomentar o espírito de união social e a interculturalidade, reduzir a pegada ambiental. Estes deveriam ser os objectivos de qualquer cidadão, à sua escala, e como tal os objectivos também dos arquitectos, na medida certa da sua responsabilidade. Não somos, nem nunca seremos tão socialmente importantes enquanto classe quanto julgamos ser. Mas seguramente seríamos mais valorizados se a nossa acção se abrisse a outras perspectivas de forma a acarinhar de forma mais sábia os habitantes que serve!



## 0. Introdução

Os depoimentos que se seguem pretendem retratar um conjunto de experiências tidas ao longo de quatro anos e meio de actividade profissional.

Apresentarei uma posição crítica relativamente à forma como se pratica arquitectura e ao modo como esta é comunicada aos não arquitectos, partindo da premissa que o seu papel fundamental é conceber ambientes que melhorem a vida em sociedade.

Serão salientados os aspectos de cada experiência que mais contribuíram para a minha formação.

## 1. Casa aberta | disciplina aberta

*A arquitectura só será apreciada e valorizada se espelhar de forma clara a sociedade que serve.*

O Open House é um evento amplo e inclusivo, abrangendo público de todas as classes sociais e profissionais, com o qual os arquitectos têm muito a aprender, já que um dos problemas fundamentais da classe é a enorme dificuldade de comunicação do seu métier a não arquitectos. O que o Open House vem demonstrar é que o interesse da população pela arquitectura existe de forma evidente: há milhares de pessoas dispostas a esperar em filas para conhecer todo o tipo de edifícios, desde o pequeno loft privado contemporâneo ao monumento público histórico. Porém, aquilo que motiva a curiosidade pelos edifícios no cidadão comum não são as qualidades formais que os arquitectos tanto prezam, mas sim forma como o espaço construído serve e se relaciona com a sociedade. Quer-se saber como os outros vivem nas suas casas; entender o funcionamento de um teatro nos bastidores; compreender o valor simbólico de determinados edifícios dado pela sua função ou história particular; conhecer a vida social e de bairro que certas estruturas fomentam (olhe-se o exemplo dos mercados); realçar a relação sentimental com zonas e/ou marcos da cidade (o desejo de visitar aquele edifício ao lado do qual se passou tantas vezes e que agora abre finalmente portas).

Colaborei com a Trienal de Arquitectura no evento Open House em três edições (2013-2015), enquanto responsável pela coordenação de grupos de voluntários. Em 2013, realizei ainda visitas guiadas ao edifício "Franjinha" da autoria do Arqº Nuno Teotónio Pereira.

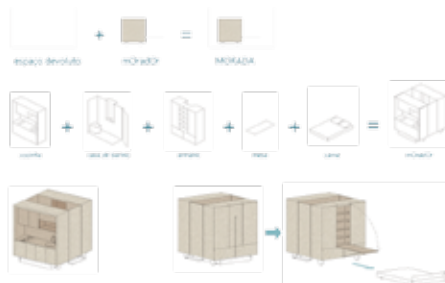
Esta experiência foi muito enriquecedora em duas vertentes: permitiu-me por um lado conhecer profundamente edifícios, autores e estudiosos com os quais sem este contexto não teria tido contacto; e por outro proporcionou-me uma primeira experiência na gestão de equipas, competência não fomentada enquanto colaborador jovem em ateliers, mas indispensável a qualquer profissional que almeje um dia constituir estrutura própria.

## 2. Crisis Buster

*Enquanto colaborador, a minha maior frustração é a limitação da criatividade.*

Os concursos são parte importante da actividade de muitos arquitectos. Nos dois ateliers em que trabalhei, colaborei em vários concursos desenvolvendo princípios, desenhando, fazendo imagens e construindo maquetes. Estas tarefas permitiram-me entender a forma como profissionais mais experientes pensam e exprimem as suas ideias através de elementos gráficos e espaciais. Mas há algo fundamental no trabalho de um arquitecto que não me foi permitido por em prática enquanto colaborador: ter ideias de base para os projectos. Esta foi a minha maior frustração quando iniciei actividade profissional, já que na Faculdade era aquilo que mais se valorizava e, de súbito, se tornou num incómodo para os meus superiores. Havendo cada vez menos desenhadores e maquetistas especializados, o estagiário e o arquitecto júnior vêm em sua substituição. O problema é que nos anos anteriores foram estimulados a ter ideias próprias e tão inovadoras quanto possível, mas quando chegam ao mercado de trabalho são vistos apenas como executantes.

O concurso "Crisis Buster", promovido pela Trienal de Arquitectura e no qual participei como independente, foi das raras ocasiões nestes anos em que pude formular e expor o meu próprio pensamento de forma completa. O programa era simples e genérico: apresentar ideias inovadoras para melhorar a cidade de Lisboa em tempos de crise. Procurei um problema social que pudesse ser resolvido através do pensamento arquitectónico/espacial e encontrei duas questões prementes facilmente relacionáveis: a grande quantidade de edifícios devolutos em Lisboa e a existência de muitos jovens sem capacidade económica para sair de casa dos pais devido à precariedade laboral. A ideia que pretende solucionar estas questões é a criação de um dispositivo pré-fabricado, montável no interior de apartamentos devolutos e que contém todos os elementos essenciais para o habitar: cama, mesa, armário, casa de banho e copa. Um apartamento sem infraestruturas funcionais poderia assim ser habitado por um jovem e progressivamente reabilitado enquanto a uso, contribuindo para a resolução de dois problemas sociais em simultâneo.



## 3. JLCG e Site Specific

*O trabalho em ateliers de arquitectura constitui um processo proveitoso e custoso que vem compensar falhas na formação académica.*

A entrada no atelier do arqº João Luís Carrilho da Graça (JLCG) deu-me a oportunidade de participar numa obra com a qual me identifico.

Enquanto estagiário, comecei por executar maquetes sob alçada do maquetista Paulo Barreto, com quem muito aprendi. Elementos fundamentais de exploração projectual, as maquetes da JLCG são por princípio monocromáticas, num exercício de abstracção e expressão de conceitos de projecto fundamentais, onde a materialidade tem pouco lugar. Estudam-se relações volumétricas e simbólicas com a envolvente, a elegância das formas, as relações espaciais.

O desenho à mão é o primeiro passo no desenvolvimento projectual da JLCG, a partir do qual se passa para o desenho bidimensional em CAD. Não tendo o atelier experiência na utilização de ferramentas 3D virtuais, coube-me a mim desvendar esse ramo tanto quanto podia enquanto estagiário/arquitecto júnior. Os princípios aplicados nas maquetes foram transpostos para esta ferramenta, sendo realizados modelos brancos aos quais se aplicavam materiais unicamente quando fossem indispensáveis à explicação de um conceito.

Participei em projectos de execução, nos quais não me senti à vontade dada a falta de experiência e a dificuldade em ter uma tutoria de trato empático. Aprendi bastante, mas sempre com sofrimento associado, dada a pressão constante para produzir mais e melhor.

Colaborei na realização vários concursos, alturas em que os dias de trabalho se prolongavam pelas noites e fins de semana. Foram processos interessantes de desenvolvimento conceptual que me permitiram também aprender muito sobre representação gráfica de projectos.

Na JLCG, o coordenador com quem mais e melhor trabalhei foi o arqº Paulo Costa, tendo com ele realizado 3 concursos. Foi com muito gosto que, pouco depois de finda a minha experiência neste atelier, aceitei o convite do arqº Paulo Costa e da arqª Patricia Marques para colaborar no atelier Site Specific Arquitectura (SSA). Foi uma total mudança de ambiente, de um atelier onde havia mais de 15 trabalhadores com diversas posições hierárquicas para outro onde era o único colaborador e que se situava no rés-do-chão da casa dos dois responsáveis, onde o entusiasmo da profissão era permeado constantemente pela vida familiar. Apesar da escala do segundo não ter permitido uma troca de ideias tão ampla, foi nele que me senti mais apto e tranquilo.

No início de 2015, voltei a trabalhar num lugar mais dinâmico, a partir do momento em que a Site Specific mudou as suas instalações para um

espaço de trabalho partilhado com o arqº João Ventura Trindade, o arqº Pedro Oliveira e o engº Paulo Cardoso. O objectivo é gerar sinergias e realizar projectos de maior escala em conjunto. Esta mudança possibilitou-me partilhar experiências e conhecimentos com os trabalhadores dos outros ateliers e aprender com as suas abordagens projectuais. Até ao momento, os três ateliers de arquitectura fizeram um concurso em conjunto no qual participei. Os resultados foram interessantes e dependeram de uma permanente diplomacia no debate de ideias entre os três autores.

A linha de pensamento dos ateliers Site Specific, Ventura Trindade e Pedro Oliveira enquadra-se na da JLCG, existindo uma forte continuidade na minha formação profissional. Dá-se grande atenção às relações funcionais e simbólicas do espaço com a envolvente e os habitantes. O plano solto e puro é entendido enquanto elemento formal básico e fundamental, numa lógica de influências neoplásticas. No entanto, dada a formação da Arqª Patricia Marques no atelier do Arqº Manuel Aires Mateus, existem frequentemente discussões sobre a utilização de estratégias mais volumétricas, nas quais o plano solto não se enquadra.

Se na JLCG participei em projectos de grande escala que incluíam construção nova, já na Site Specific os projectos foram sobretudo reabilitações/ampliações de média e pequena escala.

Dado o seu reduzido número de trabalhadores, na Site Specific realizo todas as tarefas necessárias: maquetes, modelos e imagens virtuais 3D, desenvolvimento de ideias, projecto de execução e acompanhamento de obra. É um trabalho completo que me permite entender todas as fases de projecto e fornece ferramentas para suprir uma das maiores falhas na minha formação académica: conceber e desenhar pormenores construtivos.

## 4. Projectos

*Ao projectar tentamos prever a vida que um dia existirá num lugar.*

Participei em vários projectos na JLCG e na Site Specific (SSA), relativamente aos quais tentei sempre preservar uma posição crítica independente. De seguida, serão feitas breves análises a projectos seleccionados de entre aqueles em que participei. Não farei descrições exaustivas, pretendendo antes salientar aspectos fundamentais relativos à interpretação do programa e à adaptação do projecto às necessidades dos usuários. Focar-me-ei também na hierarquização dos níveis de privacidade e nas estratégias para estimular o encontro e o convívio entre habitantes.



Apesar de conhecidos os problemas do urbanismo modernista, continuamos a copiá-lo.



Tive o privilégio de trabalhar sobre o desenvolvimento do plano urbano do Data Centre Portugal Telecom da Covilhã na sua fase conceptual.

Quando iniciei o trabalho, existia já uma intenção firme sobre a disposição das vias de acesso automóvel, numa lógica de percursos serpenteantes de grande elegância. Era então necessário desenvolver a implantação dos edifícios previstos em programa, que contemplavam escritórios, comércio, dois pólos universitários, um pólo tecnológico e um hotel.

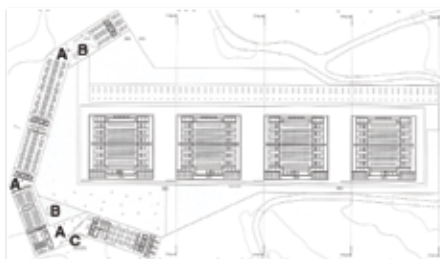
Após diversas experiências, chegou-se a uma solução de blocos paralelos entre si implantados segundo a direcção de uma antiga pista de aeródromo. Um longo alinhamento longitudinal de edifícios implanta-se sobre essa pista, remetendo para a sua memória, enquanto as volumetrias dos restantes blocos se adaptam aos limites do lote e das vias. O Data Centre (delimitado na planta acima pela linha vermelha) ocupa uma posição central no plano e é facilmente visível a partir de uma vasta área circundante, constituindo uma referência na paisagem.

Numa lógica modernista, o projecto é constituído por uma zona verde contínua onde pousam edifícios soltos com parques de estacionamento exteriores dedicados, interligados por uma estrada. Este princípio tende a gerar edifícios centrados sobre si, onde muitos usuários chegam e saem de carro sem nunca precisarem de percorrer o espaço público a pé. O amplo espaço verde corre assim o risco de ficar vazio, sobretudo durante a noite. A concorrer para isso está o facto de não se haver planeado qualquer edifício residencial, com excepção do hotel.

Para combater os riscos atrás descritos, as zonas comerciais constituem elementos centralizadores, onde trabalhadores de diferentes edifícios poderão travar conhecimento e fomentar relações. Estão distribuídas por três pólos (representados em planta por círculos negros) com grande potencial para gerar espaços exteriores de estadia convidativos.

No entanto, se o modelo adoptado tivesse previsto espaços de rua/praca directamente relacionados com os edifícios e se fossem incluídas zonas habitacionais, fomentar-se-ia mais a interacção entre usuários e o espaço público seria mais dinâmico.

"A arquitectura deve ampliar esses limites estreitos, persuadi-los a converter-se generosamente em domínios intermédios articulados."<sup>1</sup>



O grande projecto em execução na JLCG durante o meu período de estágio foi o Data Centre Portugal Telecom, um conjunto de edifícios que inclui uma zona de escritórios e quatro grandes blocos técnicos para armazenamento de dados.

A ideia base centra-se na criação de um grande lago artificial unificador do projecto, que faz referência aos lagos de montanha com o objectivo de contextualizar o conjunto de forma natural na Serra da Estrela, gerando simultaneamente um cenário idílico para os escritórios.

No edifício de escritórios, as zonas de trabalho estão claramente definidas em espaços ortogonais delimitados através de núcleos mais fechados (de acessos, com salas de reuniões ou com instalações sanitárias).

É nas inflexões que surgem as zonas de estadia mais informal dedicadas aos momentos de pausa no trabalho (A), onde se poderá descansar, comer e conviver. Existe uma relação entre a informalidade desta função e a sua localização numa zona "in-between", espaço intermédio entre dois domínios de escritórios distintos. É nestes lugares de charmeira que surge com mais força a possibilidade de extravasar a formalidade da vida laboral e gerar momentos genuínos de interacção.

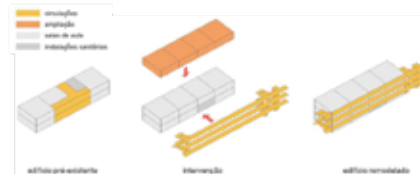
Associadas a estas zonas estão varandas de planta trapezoidal ou triangular (B) que dão continuidade à possibilidade de comunicação informal entre usuários nos momentos de pausa para um cigarro ou para apanhar sol e ar fresco.

"A soleira é tão importante para o contacto social como as paredes grossas para a privacidade"<sup>2</sup>. Nesse sentido, a entrada principal do PT Data Centre (C) representa uma generosa zona de soleira, incrementando as possibilidades de encontro na zona de estadia e varanda a ela associadas.

Neste projecto, colaborei na elaboração de maquetes, construí um modelo virtual 3D detalhado para obra, trabalhei nos mapas de vãos e desenhei pormenorizadamente o átrio de entrada.

<sup>1</sup> VAN EYCK, Aldo [et al.] - Aldo Van Eyck. Amsterdam: [Stichting] Wonen, 1984, p.50  
<sup>2</sup> HERFZBERGER, Herman - L'Esprit de l'Architecture. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.35

Corredores, galerias e átrios devem superar a sua função de acesso para constituírem também lugares de expressão social.



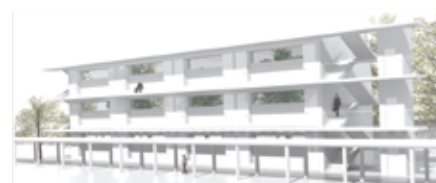
Durante o meu período de colaboração com a Site Specific, surgiu uma encomenda da Escola Alemã para reconverter e ampliar um edifício da escola. O estudo prévio foi feito em parceria com a JLCG, dando continuidade à reconversão total da escola realizada previamente por esse atelier.

O programa que nos foi apresentado previa a remodelação e ampliação de um edifício da escola que é exógeno à lógica conceptual do conjunto. Pretendia a criação de 3 a 4 salas de aula adicionais e previa a manutenção da estrutura do edifício como forma de redução de custos. A solução encontrada passou pela realização de duas operações simples: a criação de um piso adicional com cobertura leve; a remodelação do sistema de acessos através de galerias exteriores.

As galerias passam a integrar o espaço público da escola através de um sistema de escadas exteriores e de um elevador, dando continuidade ao conceito do plano original da Escola Alemã do arqº Otto Bartning: o espaço público polivalente aberto e livre, com zonas protegidas da chuva, que permite uma grande fluidez de circulação e constitui um amplo local de recreio.

Substituiu-se assim o sistema de acessos monofuncional interior existente por um novo conjunto de acessos que pretende constituir também um local de estadia e convívio, estimulando os encontros informais. Para tal, foram previstos longos bancos nas galerias onde alunos e professores poderão permanecer nos momentos que antecedem ou sucedem as aulas.

Neste projecto, o meu papel passou pelo desenho e desenvolvimento das ideias dos autores, assim como realização de imagens 3D e uma maquete. O facto de nele ter participado desde uma fase inicial e presenciado as reuniões para definição de estratégias, possibilitou-se entender as alternativas propostas e os argumentos utilizados para validar ou excluir soluções.



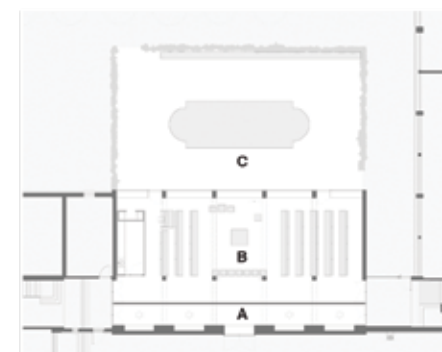
A Capela Jesus Mestre foi uma encomenda da Comunidade Religiosa Paulista, que pretendia construir um espaço de oração e comunhão na herdade onde reside. A localização escolhida foi o pequeno edifício de um só piso que interliga os dois blocos principais. Nele existiam um corredor e salas para arrumos, apesar de se encontrar no centro geométrico do conjunto. A solução passou por redefinir-lo enquanto coração da vida espiritual e comunitária através da sua reconversão em capela, conformando um centro de reunião e união por excelência com fácil acesso a partir de qualquer ponto do conjunto.

A passagem interior entre os dois edifícios pré-existent (A) foi redesenhada de forma a ser acusticamente isolada da capela (B), mas participar visualmente daquele espaço. Nela, existem nichos com bancos nos quais os irmãos se poderão sentar para uma pausa ou momento de introspecção.

O pátio (C), sala de reflexão ao ar livre, constitui também um prolongamento visual da capela.

A disposição de mobiliário da capela contribui para o conceito centralizador e comunitário do projeto: com o altar ao centro e sem presbitério, contraria o princípio hierárquico da tradicional igreja com altar no topo e facilita a realização de celebrações com números variáveis de pessoas, como indica o esquema acima.

O meu papel neste projecto foi desenhar os mapas de vãos e a sacristia, que me permitiram tomar contacto com detalhes construtivos claros e inventivos.







Após vários projectos realizados para a Comunidade Religiosa Paulista, foi-nos encomendado o estudo de uma residência para os seus membros em Benguela, Angola.

O conceito de projecto fundou-se em três premissas: a insegurança da cidade; o clima quente; e a quase ausência de contexto (o terreno situa-se numa zona de expansão da cidade quase sem área edificada). A solução passou por desenhar um sistema de pátios (remontando à tradição dos claustros conventuais) e fechar totalmente o edifício relativamente às ruas envolventes de forma a garantir segurança e protecção acústica.

Os pátios têm galerias exteriores que geram zonas frescas de sombra e protegem do sol directo os vários espaços a que dão acesso. Cada pátio tem identidade e nível de privacidade próprios.

O pátio semi-público (2) é onde se encontram todas as funções comuns da vida dos habitantes – capela, sala de estar, refeitório, sala de reuniões e escritórios. A capela ocupa uma posição central e permite a realização de missas ao ar livre. É neste pátio que terá lugar a vida comunitária e onde se receberão convidados.

No pátio privado (1) encontram-se os quartos duplos dos seminaristas e os quartos individuais dos membros da comunidade. As suas proporções e menor área conferem-lhe um carácter intimista, propício ao descanso e aos momentos de reclusão.

O pátio técnico (3) é onde se encontram todos os serviços (cozinha, lavandaria, arrumos e áreas técnicas), lugares de estacionamento e o armazém para livros das Edições Paulistas (4). De amplas dimensões, este pátio é lugar de cargas e descargas, e não contém galeria coberta em dois dos lados, tornando evidente o seu carácter menos contemplativo.

Através de uma clara hierarquização, os pátios geram diferentes ambientes, adequados às variadas actividades realizadas no edifício.

As duas entradas no conjunto contribuem para clarificar este princípio: existe uma entrada pedonal mais privada (A) e outra relacionada com o pátio de serviço, com acesso a veículos (B).



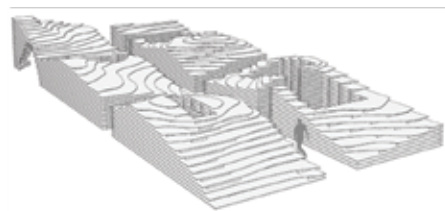
Foi muito gratificante ter tido a oportunidade de desenvolver os conceitos base deste projecto, precisos desde o início, comprovando que princípios claros facilitam grandemente o processo criativo.

### Museu Arqueológico | P06

Existe uma colaboração recorrente entre a Site Specific e o atelier de Design P06, com inúmeros projectos realizados em conjunto. Cada atelier tem a sua função específica, mas as ideias são desenvolvidas em conjunto e as críticas debatidas num ambiente construtivo, sempre com o objectivo de clarificar um princípio de projecto comum. O resultado torna-se substancialmente mais rico ao ser expresso não só através do pensamento arquitectónico, mas também por meio de elementos gráficos e sugestões de ambientes idealizadas pelos designers.

O Museu Arqueológico em Mora é um bom exemplo da colaboração da Site Specific num projecto da P06. Trata-se de uma exposição de achados arqueológicos que pretende também ilustrar a vida do homem pré-histórico.

A ideia é imergir o visitante num ambiente de escavação arqueológica que se materializa através de um grande modelo topográfico com vários espaços subtraídos, onde se podem encontrar objectos pré-históricos. A força deste princípio vem da identificação sensorial do visitante com uma função social importante (a Arqueologia), e com a relação homem-natureza (já que os espaços cavernosos gerados reportam às grutas onde homens pré-históricos viviam).



São desta forma geradas espacialidades complexas e formalmente interessantes, resultantes de uma ideia totalmente alinhada com o programa: forma e programa potenciam-se mutuamente, gerando um projecto consistente.

A grande maquete percorrível que surge deste conceito, é composta por lâminas horizontais recortadas segundo curvas de nível, conformando uma topografia volumétrica à qual são subtraídos os espaços de exposição. É inteiramente construída em lamelado de madeira maciça (tricapa), factor que confere unidade e força ao projecto: enquanto material natural, a madeira apresenta texturas, cheiro, cores e temperatura que nos estimulam sinesteticamente e nos reportam ao mundo natural.

Esta peça pode ser percorrida a toda a volta. Contém uma zona de miradouro, de onde se pode observá-la de cima, e um auditório que resulta directamente da sua topografia. Os restantes espaços são muito variados: poderão conter tecto ou não, ser curvos ou rectilíneos, estreitos ou largos, geométricos ou orgânicos.

O meu papel passou pela construção do modelo 3D (de forma a resolver questões não detectáveis através do desenho bidimensional) e correcção do mesmo após completado pela equipa de preparação de obra, bem como desenho do projecto de execução. Aprendi não só com os conceitos de projecto, mas também com a sua lógica construtiva simples e eficaz.



créditos das imagens:

p.1 - HERTZBERGER, Herman - Lições de Arquitectura, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.40  
p.4 - Data Centre Portugal Telecom, Covilhã - J.L.G., F.Croquet  
João Luis Caminho da Graça 2002-2013, Madrid, 2014, pp. 298, 297  
pp.5-7 - © Site Specific Arquitecta, Lda.

## 5. Gestão

*O despertar para os princípios básicos da gestão nos ateliers produziria melhorias substanciais na saúde e qualidade de vida dos arquitectos.*

Ambos os ateliers em que trabalhei são fontes de pensamento interessante e estruturado, e de soluções formais estudadas ao detalhe. Estas características, que me estimularam e fizeram crescer, são evidentemente os pontos fortes destes escritórios. Contudo, devo também apontar alguns pontos que poderiam conhecer melhorias significativas.

Já na Faculdade (FA-UL), a disciplina de Projecto de Arquitectura era entendida e destacada como a grande matéria a desenvolver, num sentimento partilhado entre alunos e professores acerca da superioridade inequívoca da Arquitectura, sendo o Projecto o veículo sagrado da sua consagração. Surpreendentemente ou não, tal mitologia continua a ter lugar nos ateliers de arquitectura, apesar da suposta perda de inocência após anos de experiência.

O resultado deste dogma é a subvalorização de todas as tarefas que não o pensamento projectual: o desenho técnico, a realização de maquetes, a limpeza do escritório, a gestão do pessoal e das contas, entre outras. Mas se as primeiras são geralmente supridas através da contratação de pessoal, no que toca à gestão, os ateliers em que colaborei não empregavam ninguém especializado, e segundo sei esta não é uma preocupação frequente no panorama português. Posto isto, a responsabilidade pela gestão da empresa será necessariamente dos seus sócios. Ora, se os sócios pretendem concentrar-se exclusivamente na tarefa de Projecto de Arquitectura, a gestão fica para segundo plano, na lógica do "logo se vê", num perpetuante "andar ao sabor da maré".

Resultado! Somos portugueses e como tal temos uma enorme capacidade para desenrascar, que devemos louvar! Os ateliers sobrevivem, os trabalhos desenvolvem-se e a arquitectura materializa-se!

Mas há sempre um preço a pagar: a carga horária, o stress e a precariedade financeira aumentam na mesma medida em que não são feitas previsões que estruturam racionalmente o trabalho. A incerteza de calendário dos arquitectos liberais, devida à flutuação permanente de clientes, não deverá ser ampliada pela ausência de planos de trabalho mensais/anuais.

Aprendamos com os gestores!

Ana Carina dos Santos Silva  
(Membro da O.A.: 18612)

João Charters Monteiro  
(Membro da O.A.: 19522)

José Pedro Cano  
(Membro da O.A.: 20504)

Tiago Filipe Trindade Cruz  
(Membro da O.A.: 21025)

Helana Barros Barroco  
(Membro da O.A.: 21483)

Simão Silveira Botelho  
(Membro da O.A.: 21109)

Maria Carolina Anão Aurélio  
(Membro da O.A.: 21414)

Catarina Beatriz Dias  
(Membro da O.A.: 23667)

Daniela Moreira da Silva  
(Membro da O.A.: 21447)

Luís Duarte Ferro  
(Membro da O.A.: 19282)

Filipa Costa Jorge Nogueira Breia  
(Membro da O.A.: 23842)

Gonçalo Sebastião Bastos Duarte Pacheco  
(Membro da O.A.: 22774)

João Pedro Quintela Lopes  
(Membro da O.A.: 20419)

Edição  
Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul

Coordenação geral  
Conselho Directivo Regional Sul da Ordem dos Arquitectos

Coordenação  
Paulo Tormenta Pinto, Rita Alves, Rita Dourado, Rui Didier

Júri  
Nuno Mateus (Presidente), Luís Tavares Pereira, Tiago Casanova

Depoimentos  
Fernando Bagulho, Bartolomeu Costa Cabral, Jorge Figueira

Entrevistas e revisão de texto  
Margarida Portugal

Comunicação e produção  
Margarida Ventosa  
Sara Andrade

Design gráfico e edição vídeo  
Thisislove Studio

Projecto expositivo  
Paulo Tormenta Pinto, Rita Alves, Rita Dourado, Rui Didier

Agradecimentos  
Aos membros do júri Nuno Mateus, Luís Tavares Pereira e Tiago Casanova.  
Aos arquitectos Fernando Bagulho, Bartolomeu Costa Cabral e Jorge Figueira pela disponibilidade demonstrada e pela generosidade dos seus depoimentos. Ao Vitruvius FabLab - Digital Fabrication ISCTE-IUL, à Getbliss e ao P3.

Lisboa, Junho 2016  
Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul

Organização



Apoios



GETBLISS

Parceiro Media





